**SIMBOLISMO**

  O Simbolismo surge como criação artística do “eu - profundo”, ou seja, foi uma estética que se opôs ao rigor científico dos positivistas do momento (a preocupação unicamente com a forma dos parnasianos e o fatalismo dos escritores naturalistas), ao objetivismo, descritivismo da literatura bem como à ideologia da burguesia. Surge o mal – estar comum ao fim de século. Fugindo à realidade imediata, os simbolistas dão um mergulho interior (irracionalismo) fundem, correspondem, o mundo material com o espiritual (mundo da substância, essência) à busca da unidade. Divergem dos românticos por irem além da camada superficial do confessionalismo, do pieguismo e por quererem atingir a essência do ser humano.

O que interessa não é descrever um objeto, mas sugeri-lo, buscar-lhe o mistério e não descrevê-lo racionalmente, cientificamente. Todos os objetos do mundo real têm correspondência, percebida graças ao mergulho no misterioso universo de associações de ideias – mundo irracional. “O mundo natural com tudo que contém existe graças ao Espiritual e ambos os mundos graças à Divindade”.

       Os Simbolistas visam à POESIA PURA (fim da poesia tradicional) e para consegui-la lançam mão de imagens, símbolos sugestivos (“Sugerir, eis o sonho”, disse Mallarmé) criando uma poesia hermética, de difícil compreensão (reviravolta poética que vai ganhar força com os modernistas), uma poesia fruto do inconsciente, da intuição, do gosto pelo Mistério. Veja que os simbolistas mexeram com códigos literários novos, e prepararam caminho para correntes artísticas do século XX tais como o Expressionismo e o Surrealismo.

Em um universo marcado pelo cientificismo não era de se estranhar que os simbolistas e sua postura metafísica fossem alvos de críticas por parte da burguesia capitalista. Vários atributos negativos surgem para os poetas tais como “decadentes”, “malditos’, “nefelibatas” (=os que vivem nas nuvens”).

O Simbolismo é contemporâneo do Realismo – Naturalismo e Parnasianismo, mas não teve o destaque da poesia parnasiana por motivos claros. Enquanto os parnasianos atenderam ao gosto da classe dominante – com o Esteticismo, A arte pela Arte – os simbolistas refletiram sobre o mundo problemático, o Fantasma da Guerra – e criaram uma poesia que atenuasse a angústia finissecular. A poesia adquire um caminho próximo ao da Filosofia e da Religião (=Transcendência, o Mistério, o Místico), pois o mundo estava complicado de se entender racionalmente. O melhor foi buscar uma realidade mais subjetiva via “tendências espiritualistas”. “Subconsciente” e “inconsciente” que passam a ser valorizados. Busca-se o abstrato, o vago, o diáfano, o sonho, a loucura mediante a combinação do racional com o irracional.

A fim de exprimir a essência da vida, materializar sensações (sem descrever, sem usar conceitos), os poetas vão investir na carga sonora dos versos (POESIA E MÚSICA), no uso de iniciais maiúsculas. As palavras evocam sentimentos como notas musicais (SINESTESIA, ALITERAÇÃO, ECO). O uso do símbolo evita a referência direta às coisas bem como a linguagem sensorial e alógica.

A capacidade sugestiva, a musicalidade de expressão e o idealismo de origem platônica são características marcantes da estética Simbolista que alguns românticos e parnasianos anteciparam. O romântico desejou o paraíso; o simbolista fez do mundo o seu lugar e no âmago de tudo era preciso descobrir a alma: “A plenitude dos sentidos e do espírito, comunga com a Natureza”quando se decifra a floresta de símbolos”.  A poesia tem enigma ou mistério e o leitor é um decifrador da expansão das coisas infinitas.

* A poesia se aproxima da música, uso de vocabulário musical e sugestivo. Valorização do conhecimento intuitivo e não lógico.
* Emprego de maiúsculas Alegorizantes (substantivos comuns escritos com inicial maiúscula no interior do verso).
* Musicalidade.
* O cromatismo (que se revela, principalmente, pela obsessão da cor branca).
* SINESTESIA (combinação de percepções distintas na mesma frase).
* Ênfase nas sugestões das cores (brancas principalmente – alvura).
* Uso de aliterações, assonâncias, ecos.
* Emprego frequente de reticências e vocábulos abstratos escolhidos pela sonoridade, ritmo, brilho (colorido) a fim de criar impressões sensíveis.
* SUGESTÃO, MISTÉRIO (Uso de símbolos, metáforas).
* MISTICISMO – Gosto pelos valores da Idade Média e pelo uso de vocabulário litúrgico.
* Gosto pelo tom vago, nebuloso, pela poesia indireta (hermética).
* Uso de substantivos abstratos no plural.
* Conflito eu X mundo.
* Volta a uma “Realidade subjetiva”.
* A estética simbolista tem pontos de contato com a estética parnasiana quanto à preocupação formal (uso dos sonetos) e quanto ao estar longe das questões do mundo. (os nefelibatas).
* Os simbolistas ao romperem com a estrutura sintático-semântica, com a linearidade e usarem a linguagem do interior anteciparam pontos-chave da estética moderna.
* Antes de qualquer coisa, música

***“No que tange ao contexto, tem-se uma poesia distante do espaço social brasileiro.***

Ao pintor não interessa fotografar a realidade, mas captar a essência da paisagem, a sua alma.

Os principais **teorizadores** do simbolismo foram chamados de malditos ou decadentes devido às inovações e oposição aos positivistas. São eles:

– **Baudelaire**: com a teoria das “correspondências”.

– **Verlaine**: a “música” antes de qualquer coisa

– **Rimbaud**: a magia da palavra, “a alquimia verbal”.

– **Mallarmé**: sugerir é a palavra de ordem. Defendeu a rebeldia sintático-semântica o hermetismo.

“Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho. É a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou inversamente, escolher um objeto e extrair dele um estado de alma, através de uma série de adivinha”.

(Stéphane Mallarmé, poeta simbolista francês).

**O SIMBOLISMO NO BRASIL**

É um movimento paralelo ao Pré-Modernismo. Teve início em 1893 com a publicação de Missal (poemas em prosa) e Broquéis (poesias), de Cruz e Sousa. Projeta-se no século XX e se estende até a Semana de Arte Moderna em 1922.

**INÍCIO**     – 1893 Missal (Cruz e Souza) Broqueis

De 1902 até 1922 podemos pensar no Pré-Modernismo.

A existência de vários estilos foi comums na 2ª metade do séc. XIX e início do séc. XX, ou seja, produções parnasianas, simbolistas, pré-modernistas aconteceram paralelamente.

***No Brasil, o Simbolismo foi desprezado, considerado arte inferior quando comparado ao poder do parnasianismo. Cruz e Souza só teve seu trabalho consagrado no século XX, quando foi reconhecido como terceiro maior poeta simbolista do mundo.***

**AUTORES SIMBOLISTAS**

**Cruz e Sousa – (1861 – 1898)**

****Admirável evocador de sons e imagens. Nasceu em Desterro (hoje Florianópolis) e morreu na cidade mineira de sítio em 1898. Ficou conhecido como ***O Dante Negro, O Cisne Negro ou O Cavador do Infinito***. Sofreu a dor de ser negro em função do preconceito da época, chegou inclusive, a perder cargo importante – Promotor em Laguma – por sua negritude. Acabou seus dias como miserável. Morre tuberculoso aos 36 anos.

A poesia de Cruz e Sousa segue uma linha humanístico-social, ou seja, voltou-se para os problemas transcendentais do homem. Em sua poética, as cores e os sons exibem o sofrimento humano. Ao aderir à volta da supremacia do sujeito sobre o objeto, às tendências espiritualistas ou místicas, à relação do homem com o sagrado, à integração da poesia com a vida cósmica sua arte, na época, não teve força, pois além do preconceito por ser negro, havia ainda a produção parnasiana que caiu no gosto da burguesia.

A obra do Cisne Negro segue duas perspectivas: exibe os aspectos sombrios, o gosto pelo noturno – herança romântica; e a preocupação formal, a metrificação, o uso dos sonetos – herança parnasiana. Quanto à forma preocupou-se também por dar valor absoluto a certos termos.

Dos Realistas e Naturalistas, Sousa herda a formação filosófica, o uso de termos científicos e uma visão de mundo marcada pelo pessimismo. Tudo isto ele funde aos ideais simbolistas. o individualismo, os impulsos pessoais entram como herança romântica. Não esqueça que o Simbolismo aprofundou a visão de mundo dos românticos.

São ainda situações comuns em sua obra:

A concepção trágica da existência; o satanismo e as correspondências (herança de Baudelaire); o gosto pelo noturno; a poesia filosófica e meditativa; o requinte verbal, o tom oratório (a consciência do estético); gosto pelo transcendental que provém do conflito eu X mundo; da ânsia de totalidade; um lirismo trágico, fúnebre, mórbido (na poética de Evocações); o sensualismo reprimido (a angústia sexual que o poeta vai sublimar, chegando, inclusive, ao platonismo); o prazer da Dor (“Vê como a dor te transcendentaliza.”) e a angústia metafísica (cosmogonia) fruto do mal-estar provocado pela análise do mundo materialista, capitalista.

Este último aspecto revela, no poeta, a dor de ser homem, saber-se impotente (Faróis, Últimos Sonetos), a revolta contra a condição dos humilhados e miseráveis como ele.

**Obras:**

* Poesia: Broquéis(1893), Faróis, Últimos Sonetos (1905).
* Prosa: Tropos e Fantasias (1885), Missal (1893); Evocações (1898).

OBS.: Missal e Evocações são poemas em prosa.

Cruz e Sousa revelou-se extremamente preocupado com a missão do poeta, com a expressividade e construção do texto (aspectos estilísticos), por isso sua habilidade levou-o a criar imagens que dizem da sua percepção trágica da vida, da ânsia do Infinito, do culto à noite.

Mostrou-se fortemente influenciado  pela poesia reflexiva, filosófica do poeta português Antero de Quental e pelas inovações do poeta francês Baudelaire. Deste herdou a habilidade para trabalhar o poema em prosa (prosa-poética), a consciência dos contrastes e a lei das correspondências.

Dos real-naturalistas nasceu o pessimismo, os “vocábulos científicos”, as expressões fortes do seu lirismo mórbido, o cenário de horror que surge em Faróis e Evocações (poemas: Tristeza do Infinito, Música da Morte, Caveira, O Emparedado, A Ironia dos Vermes): “E alucinado e em trevas delirando, / como um ápio letal, vertiginando, / os meus nervos, letárgica, fascina...” (música da morte).

Observe que este cenário vai influenciar (mais tarde) a poética do escritor paraibano, Augusto dos Anjos.

A sublimação do prazer – inclusive físico – atinge o auge em sua obra Últimos Sonetos onde o poeta revela-se ansioso pelo Infinito, pelo Mistério.

**TEXTOS**

**CÁRCERE DAS ALMAS**

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,

Soluçando nas trevas, entre as grades

Do calabouço olhando imensidades,

Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza

Quando a alma entre grilhões as liberdades

Sonha e sonhando, as imortalidades

Rasga no etéreo Espaço da Purza.

Ó almas presas, mudas e fechadas

Nas prisões colossais e abandonadas,

Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,

Que chaveiro do Céu possui as chaves

Para abrir-vos as portas do Mistério?!

**CAVADOR  DO INFINITO**

Com a lâmpada do Sonho desce aflito

E sobe aos mundos mais imponderáveis,

Vai abafando as queixas implacáveis,

Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito

Sente, em redor, nos astros inefáveis.

Cava nas fundas eras insondáveis

O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava

Mais o Infinito se transforma em lava

E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho

E com seu vulto pálido e tristonho

Cava os abismos das eternas ânsias!

**ACROBATA DA DOR**

Gargalha, ri, num riso de tormenta,

como um palhaço, que desengonçado.

nervoso, ri, num riso absurdo, inflado

de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,

agita os guizos, e convulsionado

Salta, gavroche, salta clown, varado

pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!

Vamos! Reteza os músculos, reteza

nessas macabras piruetas d’aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,

afogado em teu sangue estuoso e quente,

ri! Coração, tristíssimo palhaço.

***Mulheres***

“Amar e gozar as nebulosas mulheres, mergulhar, engolfar a alma infinitamente, inefavelmente, em repouso, como num harmonioso luar, sem sobressaltos e ansiedades, na alma enevoada que elas ocultam sempre, só é dado às naturezas vulgares, que amam com a carne, que amam com o sangue apenas, no ímpeto brutal de todos os instintos...”

(Fragmento de Missal)

**ALPHONSUS DE GUIMARAENS**

(1870-1921 – MG)

**O poeta mais católico da Literatura Brasileira**

**(O Solitário de Mariana: O Amor, A morte, O Misticismo).**

A Prima Constança – seu grande amor. Vista como Santa ou Anjo.

Católico Mariano devoto.

Sofre influência do ambiente barroco e decadente das cidades de Minas Gerais.

**Características da poética de Alphonsus de Guimaraens:**

* Boa parte de sua produção tem por temática o amor e a morte (a morte da mulher amada vista como algo insuperável). A prima Constança (morta) é identificada com a Virgem Maria (= “platonismo místico” e Lirismo amoroso idealista).
* O tom de sua poesia é triste (verso plangente) -  TOM ELEGÍACO.
* Misticismo (maior poeta místico da Literatura Brasileira) Religiosidade bastante formal).
* Vocabulário remete à cor branca.
* Musicalidade.
* O tema da morte como experiência estética. (herança da literatura gótica, macabra dos ultrarromânticos).
* Medievalismo (uso de redondilhas de riqueza melódica); usou também versos decassílabos.
* Obsessão pela Morte (= possibilidade de encontrar a amada e/ou de atingir o Absoluto).
* ATMOSFERA  de sonho e Mistério.
* Sofre influências árcades e renascentista quanto à forma, porém não cai no rigor parnasiano.
* Atmosfera mística e litúrgica devido às referências à morte: esquife, cores roxa e negra, mãos de finada etc

**TEXTOS**

**ISMÁLIA**

“Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

       No sonho em que se perdeu,

       Banhou-se toda em luar...

       Queria subir ao céu,

       Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,

Na torre pôs-se a cantar...

Estava perto do céu,

Estava longe do mar...

       E como anjo pendeu

       As asas para voar...

       Queria a lua do céu,

       Queria a lua do mar....

As asas que Deus lhe deu

Ruflaram de par em par

Sua alma subiu ao céu.

Seu corpo desceu ao mar...”

**A CATEDRAL**

“Entre brumas ao longe surge a aurora,

O hialino orvalho aos poucos se evapora,

Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu risonho

Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsoso:.

“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

O astro glorioso segue a eterna estrada.

Um áurea seta lhe cintila em cada

Refulgente raio de luz.

A catedral ebúmea do meu sonho,

Onde os meus olhos tão cansados ponho,

Recebe a benção de Jesus.

                   (...)

Por entre lírios e lilases desce

A tarde esquiva: amargurada prece

Põe-se a lua a rezar.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu tristonho

Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos

“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

                   (...)

**Hão de chorar por Elas os Cinamomos**

Hão de chorar por elas os cinamomos,

Murchando as flores ao tombar do dia

Dos laranjais hão de cair os pomos,

Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - “Aí, nada somos,

Pois ela se morreu silente e fria...”

E pondo os olhos nela como pomos,

Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,

Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la

Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...

E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,

Pensando em mim – “Por que não vieram juntos?”

**Obras**

POESIAS

* Kiriale (publicado somente em 1902).
* Setenário das Dores de Nossa Senhora 91899).
* Câmara Ardente (1899).
* Dona mística (1899).
* Pauvre Lire (1921).
* Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte (1923).
* A Escada de Jacó (1938).
* Pulvis (1938).

PROSA: Os Mendigos (1920).

TRADUÇÃO: Nova Primavera.

**ATIVIDADES**

**1.** Leia o excerto a seguir:

*Mais claro e fino do que as finas pratas  
O som da tua voz deliciava...  
Na dolência velada das sonatas  
Como um perfume a tudo perfumava.  
Era um som feito luz, eram volatas  
Em lânguida espiral que iluminava,  
Brancas sonoridades de cascatas...  
Tanta harmonia melancolizava.*

(SOUZA, Cruz e. “Cristais”, in Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 86.)

Expressão das contradições e do conflito espiritual do homem, uso de figuras de linguagem, sugestões de cor, som e de imagens fortes com a finalidade de traduzir o sentido trágico da vida são características simbolistas.

Os versos do poema que confirmam a presença de sinestesia e aliteração, respectivamente são

1. “O som da tua voz deliciava...” / “Era um som feito luz, eram volatas” / “Em lânguida espiral que iluminava ”
2. “Mais claro e fino do que as finas pratas ” / “O som da tua voz deliciava...”
3. “Como um perfume a tudo perfumava.” / “Tanta harmonia melancolizava. ”
4. “Tanta harmonia melancolizava.” / “Brancas sonoridades de cascatas...”
5. “Como um perfume a tudo perfumava.” / “O som da tua voz deliciava...”

**2**. Leia o texto a seguir.

[...]  
Coração, portal vermelho  
Pedra, com plumagem de ave  
Cobra, coral que arranha  
E alisa  
E é pele de sal

Delírio ao olhar pras Cagarras

Pupila, kajal tão verde  
Esmeralda, manchada de som  
Onda, dedilhar que afoga  
E desaba  
O meu temporal

Arrepio ao cantar das cigarras

Cabelo, silêncio da noite  
Negrume, cintura de raio  
Bicho, seu dançar me engole  
E desabotoa  
O meu ato final

Deslizo ao chorar das guitarras  
(E ao cantar das cigarras)  
Fumaça!  
Manchada de som  
Fumaça!

Na pista a luz de cigarros  
Eu sou do tipo que também passa mal  
Com ciúmes do sabor da fumaça  
Que penetra sua boca  
Esse amor marginal

[...]

NOPORN. Fumaça. In: NOPORN. Boca. São Paulo: Tratore Distribuidora dos Independentes, 2016. 1 CD. Faixa 3 (4’48”).

A canção “Fumaça”, do duo NoPorn, composto por Liana Padilha e Luca Lauri, emprega dois recursos caros a duas poéticas da virada do século XIX para o século XX: primeiro, a aproximação de elementos distantes, criando novas realidades, por vezes oníricas, como a imagem de uma “pedra, com plumagem de ave”; segundo, a sinestesia, que promove o cruzamento de sensações, perceptível em construções como “manchada de som” e “sabor da fumaça”. O primeiro e o segundo recursos criativos expostos podem ser associados, respectivamente, ao

1. Romantismo e Realismo.
2. Expressionismo e Impressionismo.
3. Cubismo e Futurismo.
4. Surrealismo e Simbolismo.
5. Pós-modernismo e Modernismo

**3.** Leia o trecho do poema “Acrobata da dor”, do poeta Cruz e Sousa (1861-1898), para responder à questão.

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
como um palhaço, que desengonçado,  
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
agita os guizos, e convulsionado  
Salta, *gavroche*1 , salta *clown*2 , varado  
pelo estertor3 dessa agonia lenta ...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retesa4 os músculos, retesa  
nessas macabras piruetas d’aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso5 e quente,  
ri! Coração, tristíssimo palhaço.  
(Melhores poemas, 2001.)

1 gavroche: menino.

2 clown: palhaço.

3 estertor: respiração ruidosa dos moribundos.

4 retesar: tornar tenso; esticar.

5 estuoso: ardente.

No soneto, o eu lírico dirige-se a um interlocutor. O interlocutor do eu lírico é

1. a gargalhada.
2. o coração.
3. o riso.
4. a dor.
5. o sangue.

**4.** Cansei-me de tentar o teu segredo:

No teu olhar sem cor, — frio escalpelo, —

O meu olhar quebrei, a debatê-lo,

Como a onda na crista dum rochedo.

Segredo dessa alma, e meu degredo

E minha obsessão! Para bebê-lo,

Fui teu lábio oscular, num pesadelo,

Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu ósculo ardente, alucinado,

Esfriou sobre o mármore correto

Desse entreaberto lábio gelado...

Desse lábio de mármore, discreto,

Severo como um túmulo fechado,

Sereno como um pélago quieto.

PESSANHA, Camilo. **Clepsidra**: poemas de Camilo Pessanha. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 63.

O sujeito poético

1. mostra-se desencantado pela impossibilidade de realização do desejo.
2. experimenta a sensação de exilado decorrente do distanciamento físico da amada.
3. projeta-se num tempo futuro a fim de alcançar a felicidade.
4. sublima o sentimento amoroso, afastando-se de uma atmosfera erótica.
5. revela-se como um ser emocionalmente instável, oscilando entre sentimentos antitéticos.

**5.** Leia o poema de Vinicius de Moraes.

***Soneto do maior amor***

*Maior amor nem mais estranho existe  
Que o meu, que não sossega a coisa amada  
E quando a sente alegre, fica triste  
E se a vê descontente, dá risada.*

*E que só fica em paz se lhe resiste  
O amado coração, e que se agrada  
Mais da eterna aventura em que persiste  
Que de uma vida mal-aventurada.*

*Louco amor meu, que quando toca, fere  
E quando fere vibra, mas prefere  
Ferir a fenecer – e vive a esmo*

*Fiel à sua lei de cada instante  
Desassombrado, doido, delirante  
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

Fonte: MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984. p. 98.

O poema transcrito tematiza o amor, seus dramas e contradições. O autor do texto é considerado modernista, mas, nesses versos, pela presença de antíteses, recupera traços de outro período literário, que é o

1. Arcadismo.
2. Romantismo.
3. Simbolismo.
4. Realismo.
5. Barroco.

GABARITO

1 - A

2 – D

3 – B

4 – A

5 – E